

411.4
w 832ja

1389832

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wolff, Silvia Ferreira Santos.

Jardim América: O Primeiro Bairro-jardim de São Paulo
e Sua Arquitetura – São Paulo: Editora da Universidade de
São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

ISBN 85-314-0582-3 (Edusp)

1. Arquitetura habitacional – São Paulo (SP)
2. Jardim América (São Paulo, SP) – História
3. Urbanização – São Paulo, SP I. Título.

00-4301

CDD-981-611

Índices para catálogo sistemático:

1. Jardim América: Bairro: São Paulo: História 981.611

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374, 6º andar
Edifício da Antiga Reitoria, Cidade Universitária, Butantã
05508-900, São Paulo, SP, Brasil
Fones: (0XX11) 3818.4008, 3818.4150 – Fax: (0XX11) 3818.4151
www.usp.br/edusp – e-mail: edusp@edu.usp.br

Impresso no Brasil 2001

Foi feito o depósito legal

Imprensa Oficial do Estado
Rua da Mooca, 1.921 – Mooca
03103-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 6099-9446 – Fax: (0xx11) 6692-3503
www.imprensaoficial.com.br
imprensaoficial@imprensaoficial.com.br
SAC 0800-123 401

Cidade-Jardim, Subúrbio-Jardim, Bairro-Jardim

Diferenciação - o importante dizer

O urbanismo implantado pela Cia. City em seus empreendimentos em São Paulo, a partir de meados dos anos de 1910, vincula-se ao conceito de *garden-city*, cidade-jardim. Esse conceito tem sido entendido de forma muito ampla e diferenciada desde que o termo consagrou-se ligado a experiências britânicas no início do século XX.

O conceito genérico de cidade-jardim consagrou-se associado a uma terminologia que transita pelos termos *cidade-jardim* e *subúrbio-jardim* de maneira nem sempre precisa. A rigor, refere-se a núcleos urbanos que buscam viver independentes de outras cidades e que surgiram dentro de uma perspectiva de planejamento com finalidades sociais amplas e um espírito que buscava reunir cidade e campo num todo orgânico. Almejava-se uma harmonia inexistente na congestionada e ameaçadora cidade industrial. Subúrbios-jardins caracterizam-se mais como extensões, conectadas com o tecido urbano ou não, mas viabilizadas pela sua relação de dependência com uma cidade preexistente.

A cidade-jardim propunha-se a criar um espaço em que seus habitantes vivessem autonomamente, rejeitando a sociedade e a cidade industrial. Os subúrbios-jardins, por sua vez, implantavam-se nos arredores das cidades industriais e sua origem, sobrevivência e desenvolvimento dependiam da existência das cidades da era industrial.

O nome cidade-jardim fez-se presente principalmente após o sucesso das teorias de Ebenezer Howard e da experiência concreta de Letchworth, considerada a primeira cidade-jardim da história.

O termo indiretamente ligou-se também à paisagem urbana de Hampstead, um subúrbio de Londres que alcançou grande sucesso como modelo urbanístico. Ambas as experiências tiveram seus planos desenhados pelos arquitetos Raymond Unwin e Barry Parker em 1903, os mesmos autores do primeiro projeto criado dez anos depois para o Jardim América em São Paulo, sendo Parker responsável pela versão deste plano efetivamente implantada. Entre outros fatores, a autoria dos planos das experiências pioneiras de cidade-jardim e de subúrbio-jardim e a semelhança entre as paisagens criadas contribuíram para a imprecisão com que se emprega os termos eventualmente.

A idéia original que embasa o urbanismo das cidades-jardins é a teoria e o modelo propostos por Ebenezer Howard, teórico inglês que os sistematizou em seu livro *Tomorrow, a Peaceful Path to Real Reform* de 1898, reeditado em 1903 com o nome pelo qual ficou conhecido, *Garden Cities of Tomorrow*¹.

Howard foi um homem de interesses variados que trabalhou como funcionário de escritórios a maior parte de sua vida. Trabalhou também como jornalista e dedicava-se a invenções mecânicas em seu tempo livre. Sua proposta de cidade-jardim não se referia a um modelo espacial, e sim a um esquema teórico de uma cidade autônoma, de gestão comunitária, de dimensão limitada por extensa faixa agrícola circundante e que, caracterizada por altas taxas de áreas verdes, seria uma alternativa para os desequilíbrios e desordens das cidades. Na segunda edição de seu livro, quando

¹ Cf. Ebenezer Howard, *Garden Cities of Tomorrow*.

Atribui-se a inspiração da expressão *garden city* – com a qual Howard batizou a segunda versão de seu livro e que consagrou a teoria – a um subúrbio de Nova York de 1869, que tinha esse nome. A implantação do *Garden City* nova-iorquino, em ruas de traçado tabuleiro de xadrez não o assemelham ao padrão mais comumente associado ao nome. Cf. "The Anglo-American Suburb", *Architectural Design*, p. 25. Além do livro de Howard há outras obras que tratam das cidades-jardins do ponto de vista de seus criadores: C. B. Purdom, *The Garden City* e Raymond Unwin, *Town Planning in Practice: An Introduction to the Art of Designing Cities and Suburbs*. Na presente obra foi examinada a tradução francesa do livro por Léon Jaussely, que também o prefacia: Raymond Unwin, *L'Étude pratique des Plans de Villes*.

A bibliografia crítica sobre as *garden cities* e sobre os *garden suburbs* é extensa. Há desde o clássico prefácio de Lewis Mumford à reedição do texto de Howard pela Faber & Faber em 1944, que o resgatou do esquecimento, apontando as cidades-jardins, junto com o avião, como uma das grandes invenções do século XX: "O avião deu asas aos homens e a cidade-jardim prometeu-lhe a melhor moradia para quando descesse à terra". A referência crítica a esse entusiasmo de Mumford, a análise sobre seu exagero ou propriedade é constante nos estudos dos que têm-se aprofundado na compreensão das influências das teorias de Howard. Textos como o de Robert Fishman,

Urban Utopias in the Twentieth Century: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier, comparam as teorias urbanísticas dos três autores analisados. / Mais recentemente o assunto ganhou efetivo reconhecimento, como comprovam encontros acadêmicos sobre o tema e que tratam o assunto do ponto de vista de seu desenvolvimento específico em diferentes situações urbanas: Paulette Girard e Bruno Fayolle Lussac (orgs.), *Cités, cités-jardins: une histoire européenne* apresenta sobretudo as experiências européias de construções de cidades e núcleos de habitações econômicas. Em Gabriele Tagliaventi (org.), *Città Giardino – Garden City*, Roma, pp.117-138, discute-se a experiência das cidades-jardins com grande amplitude. Em Donatella Calabi (org.), *Architettura Domestica in Gran Bretagna: 1890-1939*, analisa-se o desenvolvimento da arquitetura doméstica britânica interligado ao do planejamento urbano desse tipo de experiência. A revista *Architectural Design*, n. 51, é editada por Robert A. M. Stern e dedica-se integralmente a "The Anglo-American Suburb", analisando vários projetos urbanos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, incluindo na constituição de um pensamento urbanístico as fundamentais experiências derivadas da teoria howardiana. Ver também Stephan V. Ward, *The Garden City: Past and Future* e Walter Creese, *The Legacy of Raymond Unwin: A Human Pattern for Planning*, que apresenta reunidos criticamente os escritos de Unwin. O texto original de Howard foi recentemente traduzido no Brasil: Ebenezer Howard, *Cidades-Jardins de Amanhã*.

introduziu o termo *garden-city*, o autor desenhou um diagrama espacial geométrico e abstrato de suas idéias para a realização de sua cidade ideal. Esse diagrama não era um projeto urbano, conforme afirmava o próprio Howard, mas eventualmente foi confundido com um².

A cidade-jardim teorizada por Howard concretizou-se numa forma urbana em Letchwörth, cidade para cujo projeto realizou-se um concurso vencido por Raymond Unwin e Barry Parker, arquitetos que tinham vínculos profissionais e familiares. Em 1903 iniciaram-se os procedimentos para a implantação dessa primeira cidade-jardim.

Para Howard, especificamente menos preocupado com arquitetura e urbanismo, as cidades-jardins eram uma alternativa para a cidade industrial não apenas do ponto de vista formal, pois constituíam sobretudo uma proposta que rejeitava os desequilíbrios e modos de vida inerentes a ela. Uma dimensão importante e fundamental de sua teoria dizia respeito a proporcionar habitações dignas para as classes trabalhadoras. A cidade-jardim foi projetada para compor-se como uma comunidade moralmente equilibrada e autônoma, na qual as habitações seriam alugadas através de cooperativas. A cidade deveria oferecer recursos industriais e agrícolas. Os jardins amplos junto às casas não deveriam ser apenas espaços naturais, mas hortas a prover alimentação. A dimensão e o crescimento da cidade seria controlado por um cinturão verde, já que a perda da escala humana nas grandes cidades era condenada.

Os aspectos da automomia e da dimensão física controlada e do sistema de propriedade compartilhada foram algumas das características da utopia howardiana que não permitiram que o exemplo da cidade-jardim de Letchworth, nos termos propostos por Howard, frutificasse.

O nome *cidade-jardim*, porém, e vários aspectos experimentados em Letchworth – tanto do ponto de vista formal, como relativos à preocupação de fornecer habitações dignas em ambiente saudável, e, com isso, boa qualidade de vida a seus moradores – afirmaram-se em inúmeras experiências urbanas diversificadas.

Ao prefaciá-lo em 1922 a edição francesa do livro de 1909 de Raymond Unwin, *Town Planning in Practice*, Léon Jaussely já falava sobre o uso indefinido dos termos *cidade-jardim* e *subúrbio-jardim* e estabelecia as distinções com veemência.

² Cf. prefácio de F. J. Osborn ao livro de Howard, *op. cit.*

Na realidade, embora essencialmente a cidade-jardim inglesa seja, como seu nome diz claramente, um organismo urbano completo, encontrando nela mesma aquilo que é necessário à vida, não apenas casas de moradia burguesas e operárias, mas sua administração municipal, seu centro urbano, seus serviços gerais, seus edifícios públicos, suas fábricas, seu comércio, suas zonas agrícolas, enfim, um organismo que se basta a si mesmo, nós chamamos, na França, com este nome, todo agrupamento, mesmo pouco importante, de casas operárias ou baratas, providas de jardins particulares suficientes e mais comumente insuficientes sem que o agrupamento possa ter ele mesmo uma vida autônoma. Não nos deixemos iludir pelas palavras, e lamentemo-nos pelo fato de que o mais banal loteador de periferia, especulador sem vergonha, ouse qualificar sua operação de cidade-jardim, porque este nome é para o público, que neste caso ele engana, idealmente evocador³.

A aceitação das paisagens criadas a partir das primeiras experiências britânicas de Letchworth e Hampstead e sua adoção como modelos induziram o uso indiscriminado do termo *garden-city* quer para a criação de conjuntos habitacionais populares, ou para empreendimentos imobiliários para as classes médias e altas, quer para cidades planejadas.

A co-autoria de Parker e Unwin nos projetos da cidade-jardim de Letchworth e do subúrbio-jardim de Hampstead – além de características ligadas a seu desenho urbano e a sua arquitetura – constitui um fator a induzir a freqüente indiscriminação entre os conceitos de cidade e de subúrbio-jardim como modelo urbanístico, principalmente se examinados a partir do reflexo dessas experiências em São Paulo e em particular no bairro-jardim Jardim América, já que afinal os mesmos Parker e Unwin fizeram seu projeto⁴.

Letchworth e sua paisagem urbana influenciaram os subúrbios do século XX nas formas de ocupação de áreas que levam em conta as características formais de integração de arquitetura e paisagem e também em aspectos ligados às tipologias arquitetônicas. Seu espírito também difundiu-se amplamente na pesquisa por habitações sociais nos extensos programas de reconstrução européia no período entreguerras. Cidades, por sua vez, que tinham objetivo social próximo às concepções de Howard, mas morfologia nem sempre referida às primeiras experiências inglesas⁵.

Os subúrbios ou bairros-jardins, por sua vez, ligados a cidades existentes e com morfologia derivada da trajetória do subúrbio anglo-saxão, proliferaram no mundo todo, sobretudo na primeira metade do século XX, contrariando os princípios de Howard, avesso às grandes extensões e con-

³ Prefácio de Léon Jaussely. Em: Raymond Unwin, *L'Étude pratique...*, p. XII.

⁴ Indicando que, mesmo para os autores das primeiras experiências urbanísticas britânicas havia certa imprecisão nos termos. Basta verificar que Parker e Unwin ao projetarem, ainda em Londres, o primeiro desenho para o Jardim América nos anos de 1910, uma clara área de

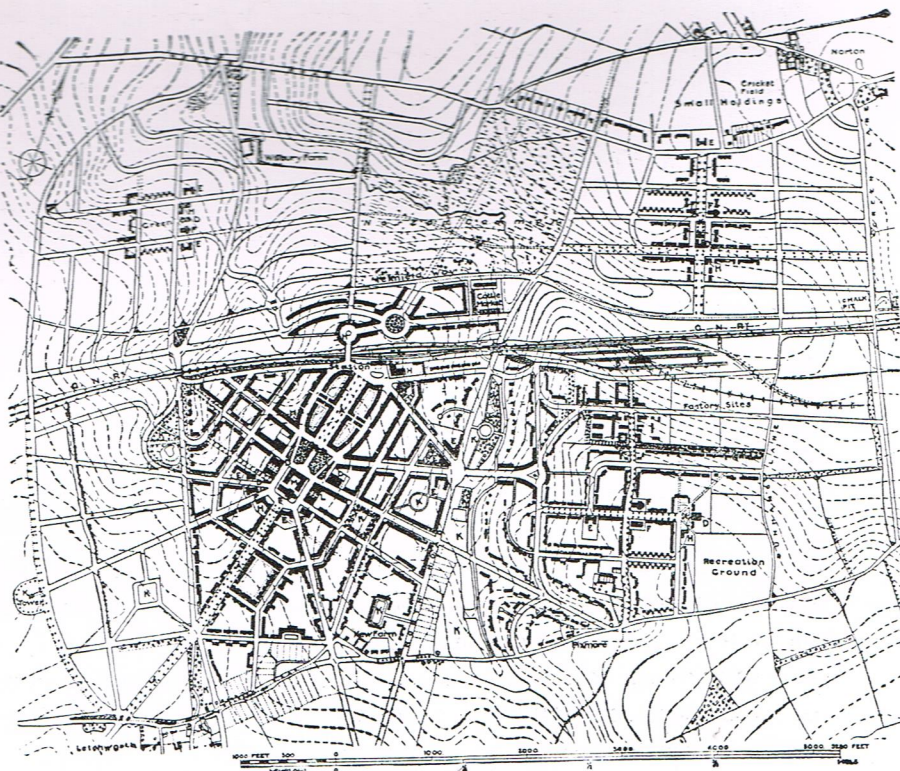
extensão do tecido urbano existente em São Paulo, intitularam-no *Garden City*. Cf. Mapa do loteamento segundo a proposta realizada por Parker e Unwin em Hugo Massaki Segawa, *Alguns Aspectos da Arquitetura e do Urbanismo em São Paulo na Passagem do Século*. Cf. também o capítulo "O Bairro" (pp. 125-146).

⁵ Cf. especialmente Girard e Lussac (orgs.), *op. cit.*

PARKER & UNWIN'S
ORIGINAL PLAN OF
GARDEN CITY,
AS FIRST PUBLISHED
(APRIL 1904)

Key to Plan

- A. Main Avenue
- B. Goods Yard and Sidings
- C. Central Square
- D. Sites for Public Hall, Museum, etc.
- E. Sites for Schools
- F. Sites for Places of Worship
- H. Sites for Hotels
- K. Open Spaces, Greens, or Parks
- L. Site for Post Office
- M. Site for Municipal Buildings



LETCHWORTH

Plano original publicado em 1904. Nota-se a presença fundamental das áreas verdes entremeadas a áreas edificadas.



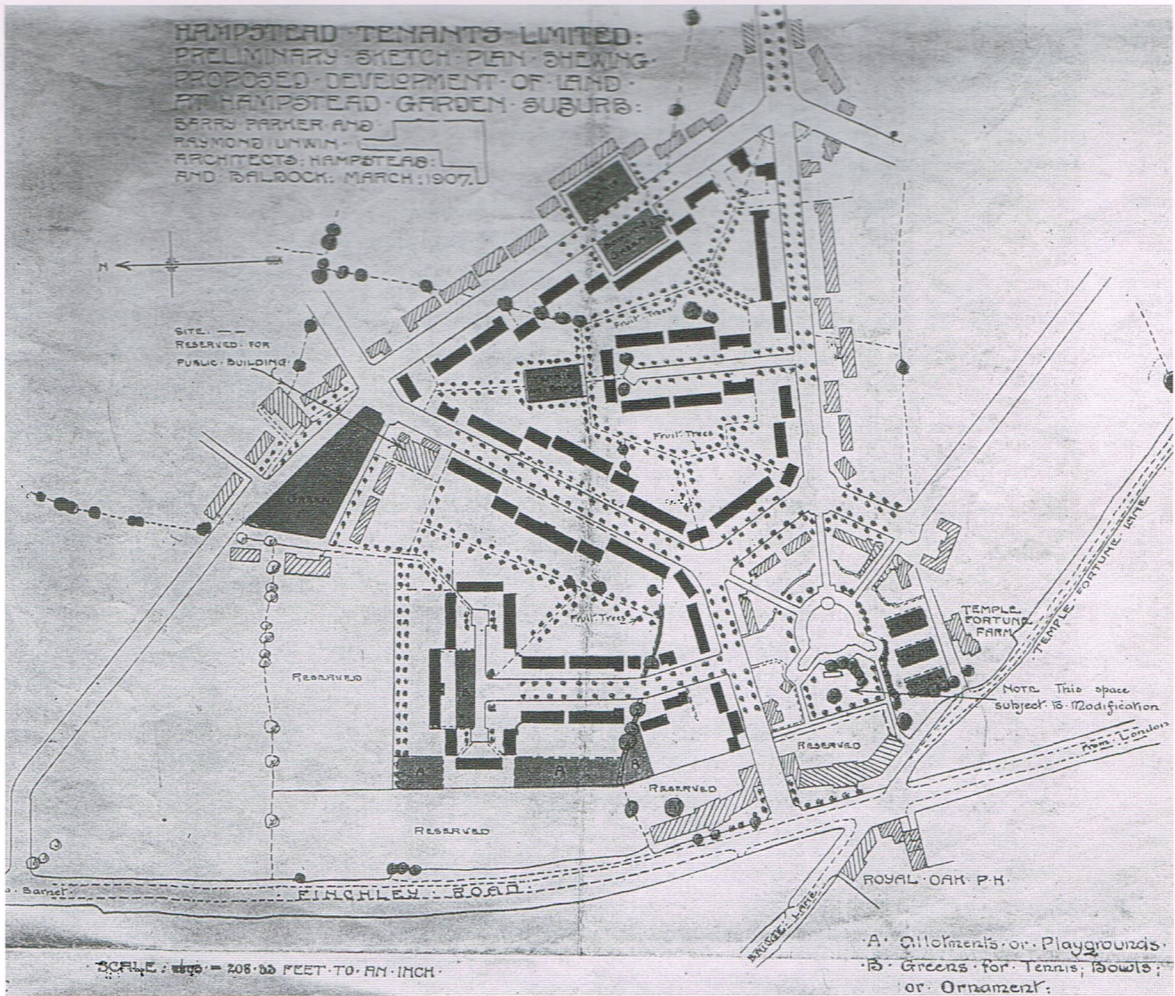
centrações urbanas. Esse modelo do subúrbio residencial foi consagrado tanto para atender às progressivas carências habitacionais das classes pobres quanto para responder às resultantes do aumento populacional das classes médias urbanas. É ainda padrão urbanístico típico do contexto residencial norte-americano.

As ruas sinuosas e arborizadas, a busca de integração entre edificações e áreas ajardinadas, a variedade dos modelos das casas desenvolvidas a partir de mesclas entre as ancestrais vilas suburbanas e a casa simples rural foram referências formais fundamentais para o sucesso desse padrão de urbanismo. A variedade de paisagem era bem recebida em contraposição aos padrões das ruas residenciais inglesas, de extensas séries de casas iguais geminadas.

O modelo do subúrbio ajardinado esteve presente em Hampstead e depois no bairro Jardim América em São Paulo, em Coral Gables em Miami, no *boom* de ocupação da Flórida nos anos de 1920 e em tantos outros bairros que floresceram, no mesmo período, em diversos contextos urbanos.

LETCHWORTH

Imagem de uma rua residencial.



HAMPSTEAD

*Plano original desenvolvido em 1903 em seqüência
 às idéias experimentadas em Letchworth.*

O subúrbio, visto como local de apoio e de fuga à vida urbana, aparece na história do urbanismo desde a Antiguidade, acompanhado de perto pela existência da vila, a casa senhorial fora da cidade⁶. Já o subúrbio-jardim, verde, pitoresco, manifestou-se com intensidade no século XIX de diferentes maneiras, em situações urbanas como as da França, da Inglaterra vitoriana e dos Estados Unidos, acompanhando o crescimento das cidades e das linhas de transporte coletivo e as transformações nos conceitos de lazer.

Localizando-se em zonas de expansão urbana ou destacados de núcleos existentes, esses subúrbios, realizados como empreendimentos imobiliários, tiveram grande expansão após o desenvolvimento dos transportes de massa na segunda metade do século XIX. A instalação de ferrovias, bondes, metrô ou *ferry-boats* aproximaram e possibilitaram a ocupação de áreas até então remotas em relação a núcleos urbanos.

São exemplos desses subúrbios Bedford Park, projetado por Richard Norman Shaw em Londres (1875), Prospect Park no Brooklin (1899), Forest Hill Gardens no Queens, em Nova York (1912), Hampstead, em Londres (1903-1907), Palm Beach (1917), na Flórida. Como esses quase todo subúrbio realizado a partir da segunda metade do século XIX teve sua viabilização ligada à existência de ferrovias ou de linhas de bondes e metrô⁷.

Esse vínculo com os transportes coletivos esteve presente na organização dos planos, nos quais, muitas vezes, a estação tinha localização articuladora, buscando harmonizar-se com outros focos de definição da estrutura com uma valorizada relação com a natureza: bosques, rios, lagos, ou mar e o respeito à topografia. As ruas e ajardinamentos tiravam partido do potencial paisagístico da natureza e buscavam acomodar-se a ela, usufruindo as vistas criadas.

As experiências urbanas que historicamente conformaram o padrão implantado em Hampstead e, pelos mesmos arquitetos, pela Cia. City em São Paulo existiram também como fruto da busca pragmática de acomodar as classes trabalhadoras ou como empreendimentos de expansão urbana com vistas a ganhos imobiliários, como já se referiu.

O século XIX viu também despontarem iniciativas para acomodar trabalhadores, obras realizadas por empresários, instituições filantrópicas ou pelo Estado. Lowell em 1822 e Pullmann em 1880,

⁶ Sobre a vila como tipo arquitetônico de casa no campo e seu vínculo ancestral com os subúrbios, cf. James Ackerman, *The Villa: Form and Ideology of Country Houses*.

⁷ A revista temática sobre o subúrbio anglo-saxão *Architectural Design*, fornece um detalhado panorama sobre a trajetória desse tipo de experiência.

nos Estados Unidos; Saltaire em 1851, Port Sunlight em 1888 e Bournville em 1895 na Inglaterra, são alguns exemplos-chaves de vilas industriais que prefiguram aspectos da trajetória da cidade-jardim e de “seu filho adotivo”, o subúrbio-jardim. Os próprios Barry Parker e Raymond Unwin fizeram em New Earswick em 1902 um planejamento com habitações operárias próximas às fábricas. Nesses projetos alguns dos elementos que se afirmaram posteriormente no tipo urbano cidade ou subúrbio-jardim já estavam presentes – relação harmônica com a natureza, ruas arborizadas, jardins internos, arquitetura romântica⁸.

Promovidas pelos proprietários das indústrias com a finalidade de acomodar seus operários, pelo estado ou mesmo por comunidades religiosas, o fato é que houve premência de se promoverem habitações dignas e a baixo custo. A integração na paisagem era, eventualmente, um aspecto valorizado, mas buscava-se sobretudo um padrão mínimo de habitação digna e econômica. Raymond Unwin participou ativamente em toda sua vida profissional dessa busca por um padrão adequado para a casa econômica.

Os empreendimentos imobiliários de iniciativa privada por vezes investiam na construção de casas para trabalhadores visando alugá-las, mas também construíam habitações para outras classes sociais. Esses loteamentos, em geral, apoiavam-se em cidades existentes e definiam subúrbios estritamente residenciais. Eventualmente os subúrbios tinham maior autonomia e sua estrutura também contava com prédios públicos e comerciais. Esses núcleos podiam ainda vincular-se a atividades de repouso e lazer em balneários, como Palm Beach (1917) e Coral Gables (1921), na Flórida. Todos esses tipos de empreendimentos ajudaram a criar e a consolidar, no século XX, as características dos subúrbios ajardinados, como paisagem e como negócio.

Os bairros implantados pela Cia. City em São Paulo situam-se na categoria de empreendimento imobiliário comercial, pois foram essencialmente loteamentos de venda de terrenos para construção de residências por seus proprietários – de classe média ou alta. Além disso, a City não realizou, a não ser esporadicamente, habitações para os trabalhadores.

Como modelo paisagístico, o pensamento urbanístico dos subúrbios articulava-se na tradição romântica inglesa desde o século XVIII, tendo como características fundamentais, uma ênfase na arquitetura vista como parte da paisagem e do ambiente natural e ligada às tradições locais, em-

⁸ *Architectural Design*, n. 51.

pregando materiais e técnicas construtivas locais consagradas⁹. Nos Estados Unidos, esse pensamento romântico também tinha uma trajetória longa na busca da rejeição às regras que riscavam o território em traços rígidos, como o da grelha urbana.

Fazem parte dessa cultura da arquitetura paisagística norte-americana experiências de integração entre arquitetura e natureza realizadas no início do século XVIII, como o projeto da Universidade de Virgínia de Thomas Jefferson, implantado entre 1817 e 1826, e os cemitérios-parques que respeitavam as estruturas e condições topográficas dos terrenos, com traçados de ruas e trilhas sinuosas que buscavam adaptar-se às curvas de nível, aos cursos d'água e às árvores existentes¹⁰.

No contexto britânico atribui-se a John Nash, na década de 1810, dois projetos ancestrais do subúrbios ajardinados. Em Regent's Park, em 1812, o arquiteto criou um paisagismo integrando áreas verdes à cidade. O parque era delimitado por uma rua curva com prédios de arquitetura neoclássica. Em Blaise Hamlet, em 1811, o mesmo John Nash dispusera, em torno de uma área verde, nove *cottages* rústicos usando materiais e linguagem da arquitetura vernacular. Blaise Hamlet e seus edifícios tiveram muita influência na arquitetura doméstica britânica do século XIX, de cujo desenvolvimento e tradição deriva-se a produção de Parker e Unwin¹¹.

As soluções urbanísticas estiveram sempre interligadas às arquitetônicas na trajetória de constituição de um pensamento projetual dos subúrbios-jardins. Em 1853, A. J. Davis, um dos mais influentes arquitetos norte-americanos de meados do século XIX, projetou Llewellyn Park, em Nova Jersey, considerado o primeiro subúrbio romântico, com grandes lotes, casas isoladas, ruas curvas e densa arborização. Sua arquitetura também era pitoresca e de um ecletismo que se afastava do classicismo, associando em composições assimétricas elementos de outras linguagens, essencialmente da neogótica.

A arquitetura, que flexibilizava uma interpretação rígida dos cânones clássicos, foi, nos Estados Unidos ainda, amplamente divulgada por Andrew Jackson Downing, um paisagista que difundiu com enorme repercussão, também em meados do século XIX, modelos para arquitetura residencial no campo¹². Frederick Law Olmstead foi outro paisagista a exercer grande influência na relação das cidades com a natureza e a projetar vários parques, *campus* universitários e subúrbios norte-americanos.

⁹ Cf. Robin Middleton e David Watkin, *Neoclassic and Nineteenth Century Architecture* 1, p. 36, e Calabi (org.), *op.cit.*

¹⁰ Cf. Francesco Dalco, "From Parks to the Region: Progressive Ideology and the Reform of the American City", em Giorgio Ciucci *et al.*, *The American City: From the Civil War to the New Deal*.

¹¹ *Architectural Design*, n. 51.

¹² Os livros do paisagista norte-americano sugeriam tipos de ca-

sas isoladas numa arquitetura que introduzia, nos esquemas das vilas clássicas de campo e na tradição de uma arquitetura mais sóbria, elementos como a assimetria, variedade ornamental e referências provenientes da arquitetura gótica, de inspiração romântica e ainda da arquitetura mediterrânea. Andrew Jackson Downing, *Victorian Cottage Residences* e *The Architecture of Country Houses*.

Olmstead viajou à Inglaterra em 1850, influenciando-se pelos parques londrinos. Visitou também a cidade de Birkenhead, uma cidade-estaleiro que continha uma área composta pelo primeiro parque público inglês e que era cercada por ruas residenciais. Impressionou-se com a beleza da paisagem e com a valorização fundiária dos terrenos, criada pela vizinhança do parque. Em 1859, em visita a Paris, esteve em contato com Adolphe Alphand, responsável pelos empreendimentos suburbanos ao redor da cidade, caracterizados pelas construções residenciais ou de fins de semana, as chamadas vilas¹³.

Foi extensa a troca de influências entre norte-americanos e britânicos no campo do urbanismo e da arquitetura e para a constituição do que Robert Stern chamou de *Anglo-American suburb*¹⁴.

Em seu retorno aos Estados Unidos, Olmstead projetou o Central Park de Nova York, onde mesclavam-se às referências britânicas as propostas de paisagismo de Downing. Esse parque foi um precursor e é notável exemplo das possibilidades de integração de áreas verdes às estruturas das cidades. As ruas atravessam-no, principalmente através de passagens subterrâneas, mesmo hoje, quase sem conflitar com suas extensas áreas ajardinadas e com os caminhos de pedestres.

Olmstead projetou ainda, em colaboração com o arquiteto Calvert Vaux, subúrbios de Nova York e Chicago, respectivamente Prospect Hill (1865) e Riverside (1869). São subúrbios de ruas curvas, amplos lotes com casas isoladas, áreas verdes, relação harmoniosa com a natureza. Em Riverside, projetado para 10 mil habitantes, tirou-se partido paisagístico da situação à margem do rio, como indica o próprio nome. Além da importância específica na configuração dos subúrbios, a Olmstead atribui-se influência no pensamento do planejamento urbano de maneira geral¹⁵.

É significativo verificar que Ebenezer Howard viveu em Chicago entre 1872 e 1878, no período de implantação de Riverside. Esse contato deve ter influenciado, anos depois, sua visão de como deveria se concretizar seu plano abstrato de uma cidade ideal, como reconhecem estudiosos de sua obra¹⁶.

Os aspectos que permitem identificar esse modelo urbano de um modo amplo são, do ponto de vista formal, o planejamento de áreas urbanizadas com ruas curvas e sinuosas que hierarquizam as vias conforme uma classificação de fluxos de trânsito que consideram o pedestre, e edificações

¹³ John Coolidge, "American Architecture: The Search for Tradition", em Delong et al., *American Architecture: Innovation & Tradition*, pp. 171-183. / A expansão suburbana parisiense foi documentada pelo arquiteto e editor César Daly em suas publicações, como o álbum que reunia projetos: *L'architecture privée au XIX^{ème} siècle sous Napoléon III: Nouvelles maisons de Paris et des environs*.

¹⁴ *Architectural Design*, n. 51, e Guido Zucconi, "Dalla Fase Eroica alla Standardizzazione: Primi Esiti dell'Architettura Domestica", em Donatella Calabi (org.), *op. cit.*, p. 43. Continuando a ilustrar as relações entre Inglaterra e Estados Unidos, entre urbanismo, paisagismo

e arquitetura, verifica-se que Olmstead, paisagista norte-americano, associou-se ao arquiteto inglês Calvert Vaux (1824-95) em vários projetos. Vaux, por sua vez, associou-se a Andrew Jackson Downing, paisagista norte-americano, em seus estudos sobre arquitetura residencial e sua implantação na paisagem. Publicou *Villa and Cottage Architecture*, Nova York, Dover, 1991 (1^a ed., 1857). É, ainda com Olmstead, responsável pelo projeto dos museus Metropolitan e de História Natural, localizados no Central Park de Nova York.

¹⁵ Cf. Dalco, *op. cit.*, pp. 164-165.

¹⁶ Coolidge, *op. cit.*, pp. 171-183.

implantadas em meio a áreas extensamente ajardinadas, como nos cemitérios e parques norte-americanos e em todos os subúrbios que vinham consolidando-se.

As ruas e ajardinamentos tiravam partido do potencial paisagístico da natureza e buscavam acomodar-se a ela, usufruindo os acidentes naturais para criar vistas e potencializar aspectos de variedade e efeitos pitorescos.

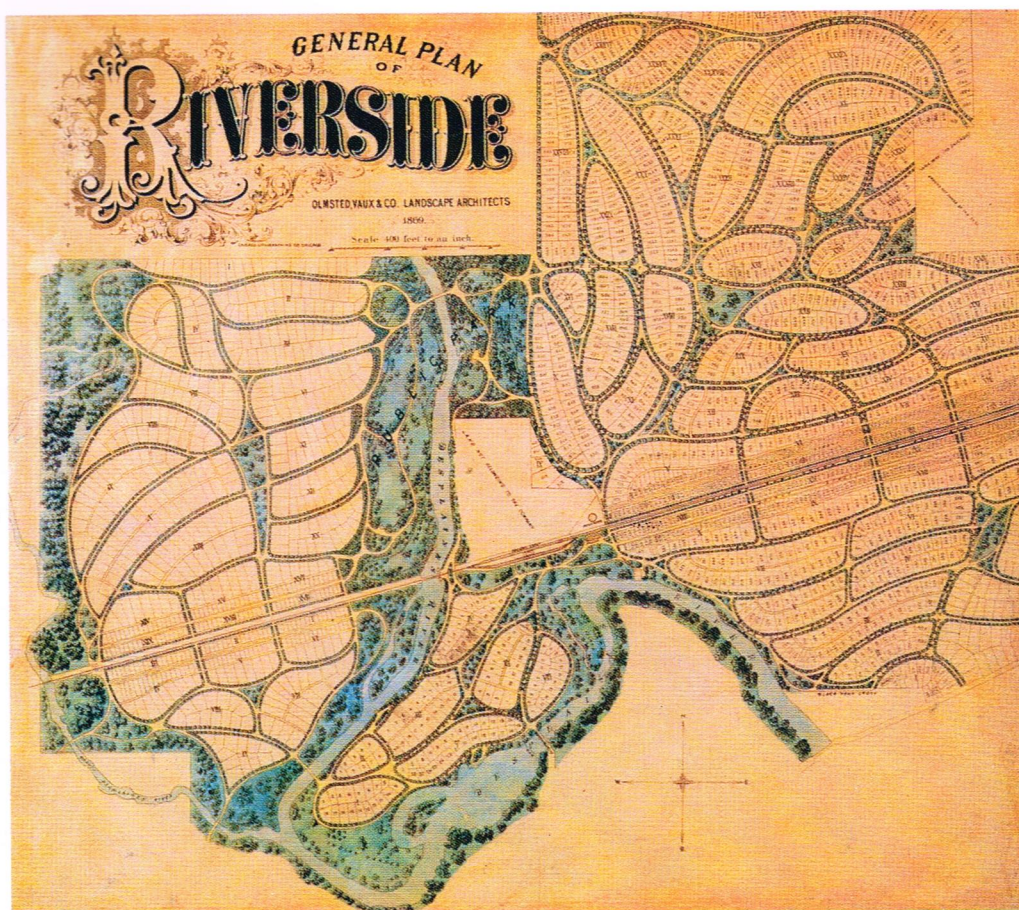
Essa acomodação às condições naturais, logo viu-se, era também vantajosa do ponto de vista econômico, pois reduzia os gastos com modificações significativas dos terrenos. Implicaram, entretanto, junto com as hierarquizações das vias segundo seus fluxos, o redimensionamento de larguras de ruas previstas nos esquemas tradicionais, em geral mais amplas do que permitia o respeito às curvas naturais da topografia. Ruas estreitas eram previstas para trânsito local, mas acomodavam-se com mais facilidade às curvas de nível de terrenos acidentados. Barry Parker, no projeto do bairro do Pacaembu em São Paulo, trabalhou orientado por esses princípios.

A valorização do modelo urbanístico que integrava natureza e crescimento urbano foi enorme no século XX. Na Europa, nos Estados Unidos e na América do Sul implantaram-se bairros inspirados na paisagem criada nas cidades e nos subúrbios-jardins¹⁷.

Raymond Unwin e Barry Parker, quando desenharam em Londres para a Cia. City o plano do bairro-jardim Jardim América, de São Paulo, tinham atrás de si muito mais do que a própria experiência acumulada como profissionais que haviam projetado os planos do conjunto e os modelos de casas operárias de New Earswick, que tinham dado forma à utopia urbana de Ebenezer Howard em Letchworth e ao subúrbio-jardim de Hampstead em Londres.

Unwin e Parker são expressão de um pensamento coletivo que vinha sendo construído há muito tempo. Essa tendência teria continuidade no urbanismo e repercussões na arquitetura do século XX, dos quais o Jardim América constitui significativo exemplar.

¹⁷ Há notícias de um projeto de 1913 intitulado *Bairro Jardim del Parque Rodó* em Montevideu, no Uruguai. De relativamente pequenas proporções, trata-se de um empreendimento que "encaixa" na trama preexistente, em segmentos de quadras já definidas, o modelo do bairro-jardim de casas isoladas em lotes irregulares e orgânicos. Não é comparável em dimensão e em unidade de desenho ao projeto do Jardim América, mas de qualquer modo indica a contemporaneidade, da penetração no continente das idéias que usavam o tipo de desenho urbano das cidades-jardins para empreendimentos de caráter imobiliário, destituídas de suas dimensões ligadas à resolução de déficits habitacionais. "Proyecto de Barrio Jardín, Arq. E. P. Baroffio", *Arquitectura*, n. 178, 1933. O número da revista é dedicado a Baroffio, mas não há confirmação da realização do projeto.



RIVERSIDE

Plano projetado por Frederick Law Olmsted em 1869 para o subúrbio de Chicago. Áreas verdes e edificadas articulam-se através de traçado orgânico e sinuoso, que caracterizaria os subúrbios ajardinados.